

## DE “INTELIGENTE, MAS SEM CULTURA” A “INDIVÍDUO PERIGOSO”: ANTÔNIO CONSELHEIRO NA IMPRENSA SOTEROPOLITANA (1876-1893)<sup>i</sup>

---

DE “INTELIGENTE, PERO SIN CULTURA” A “TIPO PELIGROSO”:  
ANTONIO CONSELHEIRO EN LA IMPRENSA SOTEROPOLITANA  
(1876-1893)

**Joaquim Antonio de Novais Filho**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)/novaisfilho@yahoo.com.br

### **Resumo:**

O artigo objetiva analisar o processo pelo qual Antonio Conselheiro tornou-se matéria de interesse da imprensa periódica da cidade de Salvador entre os anos de 1876 e 1893. O período corresponde ao tempo de peregrinação de Antonio Conselheiro pelos sertões da Bahia e Sergipe. Nessa época, na Bahia, a maior parte dos jornais pertencia a grupos políticos, praticando um jornalismo opinativo, porta-voz de grupos oligárquicos. Diante desse *corpus* – constituído pelos diferentes registros sobre Antonio Conselheiro publicados nesses jornais – buscamos então identificar de que forma essas notícias contribuíram para a constituição de uma memória discursiva acerca do peregrino e dos seus seguidores.

**Palavras-chave:** Antonio Conselheiro. Imprensa. Memória discursiva.

### **Resumen:**

El artículo tiene como objetivo analizar el proceso por el cual Antonio Conselheiro se convirtió en un asunto de interés de la prensa periódica de la ciudad de Salvador en los años 1876 y 1893. El período corresponde al tiempo de

la peregrinación de Antonio Conselheiro por el sertón de Bahía y Sergipe. A la época, en Bahía, la mayoría de los periódicos pertenecían a grupos políticos, ejerciendo el periodismo obstinado, portavoz de los grupos oligárquicos. Dado este *corpus* - que consta de diferentes registros sobre Antonio Conselheiro publicados en estos periódicos – buscamos entonces identificar cómo estas noticias contribuyeron a la formación de una memoria discursiva sobre el peregrino y sus seguidores.

**Palabras clave:** Antonio Conselheiro. Media. Memoria discursiva.

Desde o aparecimento nos sertões da Bahia, em meados de 1876<sup>ii</sup>, do peregrino cearense Antonio Vicente Mendes Maciel a imprensa soteropolitana demonstrou preocupação e interesse em relação ao crescente prestígio desse líder religioso junto à população sertaneja. Em pouco tempo, o peregrino passaria a ser conhecido pela alcunha de Antonio Conselheiro. Duas décadas após esses primeiros registros, jornais da capital baiana se articulariam e em unísono se posicionariam em relação à Campanha militar contra o arraial fundado por Antonio Conselheiro no ano de 1893. Defenderam todos, a destruição de Canudos – como haveria de ficar conhecida a cidadela que resistiu a investida de quatro expedições militares entre novembro de 1896 e outubro de 1897.

Analisar o processo pelo qual Antonio Conselheiro tornou-se matéria de interesse de jornais publicados na cidade de Salvador entre os anos de 1876 e 1893 é o objetivo principal desse artigo. O período corresponde ao tempo de peregrinação de Antonio Conselheiro. Nessa época, na Bahia, a maior parte dos jornais pertencia a grupos políticos. Praticava-se, geralmente, um jornalismo opinativo, porta-voz de grupos oligárquicos e comprometidos com os partidos políticos. Diante desse corpus – constituído pelos diferentes registros sobre Antonio Conselheiro publicados nesses jornais – buscamos então identificar de que forma essas notícias contribuíram para a constituição de uma memória discursiva<sup>iii</sup> acerca do peregrino e dos seus seguidores. Dessa forma consideramos importante pensar: “em que medida a memória determina a ordem do enunciável?” (COURTINE, 2006, p. 10).

Inicialmente, a crescente celebridade de Antonio Conselheiro foi abordada de diferentes maneiras pelos jornais soteropolitanos. Em meados de 1893, após o embate entre o séquito conselheirista e forças policiais na localidade de Masseté – evento que desdobraria na fundação do arraial – uma sucessão de acontecimentos contribuiu para a homogeneização do

posicionamento dos jornais. No ano de 1895, sucede uma tentativa da Igreja Católica de dissolver o ajuntamento conselheirista. Malsucedida essa iniciativa o arraial fundado por Antonio Conselheiro passa a se tornar um incômodo, principalmente pelo grande afluxo de pessoas. Após uma serie de boatos ocorre então o assédio militar que renderia a mobilização de quatro expedições militares que se sucederam até a destruição do arraial no início de outubro de 1897.

Durante o período que antecede a fundação do arraial o nome de Antonio Conselheiro aparece em alguns momentos na imprensa da capital baiana. Por meio dessas matérias eram divulgados estereótipos<sup>iv</sup> e clichês<sup>v</sup> a respeito da conduta do líder religioso. Ora considerado louco, ora acusado de participação em crime na sua terra natal. Entre 1876 e 1893, portanto, os jornais publicados na cidade de Salvador repetem e reiteram discursos que propagam a fama de Antonio Conselheiro por meio de notícias que eventualmente registram o seu nome nas páginas dos jornais.

### **No rastro de Antonio Conselheiro**

A ocorrência mais antiga de notícia publicada na imprensa soteropolitana acerca de Antonio Conselheiro aparece em meados de 1876. A prisão do “missionário” na vila de Itapicuru, no sertão baiano, repercutiu em alguns jornais da capital.

Esse episódio foi abordado de maneira distinta pelos diversos órgãos da imprensa soteropolitana da época, rendendo espaço no *Diario da Bahia*, *Jornal da Bahia*, *Correio da Bahia* e *Diario de Noticias*, entre o final de junho e início de agosto de 1876.

O *Diario da Bahia*, na ocasião um jornal que defendia a política liberal contra os conservadores no poder, publicou duas notícias a respeito desse episódio. A primeira, datada de 29 de junho de 1876, apresenta uma descrição do peregrino e alerta para o seu crescente prestígio. Informa sobre a sua prisão e a reação de seus seguidores, aos quais atribui o rótulo de “ignorância e simplicidade”. A nota assevera ainda que Antonio Conselheiro “não passa de um fanático”. Veremos como essas expressões (“fanático”, “ignorância” e “simplicidade”) vão, juntamente com outras, sedimentando uma memória discursiva na qual Antonio Conselheiro e seus seguidores serão insistentemente enquadrados no decorrer das duas décadas seguintes.

Conhecido com este nome, apareceu em nosso sertão do norte, há cerca de dois anos, um individuo que se diz chamar-se Antonio Maciel e que nos

lugares onde se tem apresentado há exercido grande influência no espírito das classes populares, servindo-se para isto do seu exterior misterioso costumes ascéticos com que impõe à ignorância e simplicidade de nossos camponêses.

Deixou crescer a barba e os cabelos, veste túnica de azulão pouco aceiada e alimenta-se muito tenuamente, sendo quase uma múmia.

Acompanhado de duas mulheres, que diz serem professoras, vive a rezar terços e ladainhas e a pregar e dar conselhos às multidões que reúne onde lhe permitem os párocos e movendo sentimentos religiosos vai arrebanhando o povo e guiando a seu gosto.

Revela-se homem inteligente, mas sem cultura. [...] (*Diário da Bahia*, 29 jun. 1876. Grifos nossos).

Nota-se nas expressões destacadas o esforço do jornal em apresentar Antonio Conselheiro inicialmente, como “um indivíduo” que têm “grande influência no espírito das classes populares”. Essa primeira expressão referencial apesar de pouco dizer sobre a pessoa de Antonio Conselheiro informa sobre o principal incômodo causado pela sua ação nesse momento: a mobilização da população pobre do sertão. Seguem-se outras expressões, que, apesar de não se referirem especificamente à pessoa do Conselheiro, acabam por sugerir alguns traços de seu caráter. Entre outras coisas a notícia registra “seu exterior misterioso” e “costumes ascéticos com que impõe à ignorância e simplicidade de nossos camponêses”. Tal descrição caracteriza o peregrino como um homem incomum, pois dotado de traços de personalidade que são discursivizados no jornal como sendo anormais. Essa caracterização de seus traços psicológicos é reforçada pela descrição de alguns traços físicos e da indumentária do peregrino. Nesse trecho há também uma descrição do visual esquelético de Antonio Conselheiro. O que produz um efeito de sentido que o apresenta como uma figura estranha, esquisita. Efeito de sentido reforçado no/pelo termo “múmia”, que sugere também um aspecto monstruoso.

Nesses termos, os discursos materializados no jornal se constituem como ligados a um procedimento de controle, de normalização. Pois, na medida em que descrevem a conduta incomum e a figura monstruosa de Antonio Conselheiro estabelecem um campo de normalidade do qual o peregrino estaria fora. Fora da ordem, Antonio Conselheiro é então descrito como uma espécie de “monstro moral”<sup>vi</sup>. Inscrito tanto como potencialmente perigoso para a sociedade, quanto como uma aberração – pelo menos do ponto de vista expresso pelos jornais publicados na capital baiana. Argumento reforçado pelo trecho final, que sugere uma espécie de dupla inscrição de Antonio Conselheiro: “inteligente, mas sem cultura”. Entre a civilização e o “estado de natureza” o indivíduo Antonio Conselheiro é

apresentado como uma ameaça à ordem das coisas. Daí, a contribuição para uma estratégia normalizadora registrada no discurso que circula na imprensa.

A nota prossegue informando sobre a proveniência de Antonio Conselheiro e sobre sua prisão na cidade de Itapicuru. As expressões persistem na descrição do peregrino como um ser “misterioso” e investem no levantamento de suspeitas em relação a sua conduta. Sem indicar os motivos pelos quais a polícia teria efetuado a prisão de Conselheiro, a notícia do *Diario da Bahia* especula que ele seja um “grande hipócrita”, um “tartufo<sup>vii</sup> de nova espécie”. Expressões que insinuam falsidade, hipocrisia, charlatanismo. A nota encerra ainda a suspeita de que Antonio Conselheiro “não passa de um fanático”. Quanto a esse último termo, aplicado para designar uma pessoa que defende com ardor uma determinada doutrina ou que crê estar inspirado pela divindade, será, no decorrer dos anos, insistentemente associado à figura de Antonio Conselheiro e de seus seguidores e justificará a perseguição que culminará na campanha militar de 1897.

Entre acusações de hipocrisia, tartufice e fanatismo – que não implicavam legalmente uma conduta criminosa – a notícia publicada no *Diario da Bahia* deixa para a polícia baiana a resposta da questão sobre se Antonio Conselheiro “Será um criminoso?”. Entretanto, com essa questão em aberto a notícia analisada parece sugerir que o perigo apresentado pela figura de Antonio Conselheiro não seria o mesmo de um bandido, mas sim a de um fanático, transtornado. Ou seja, mais importante do que teria feito o Conselheiro, era o que ele seria capaz de fazer, afetado pelo fanatismo e potencializado pelo seu crescente prestígio junto às classes populares sertanejas.

Na semana seguinte, o *Diario de Noticias*<sup>viii</sup> informa sobre a chegada de Antonio Conselheiro na capital baiana. A notícia adiciona uma informação a respeito da atuação do peregrino, que pregava “sermões de sua lavra”; e conclui, de maneira espirituosa, explicando o suposto motivo da prisão.

Prisão de um missionário.

Entre soldados da policia atravessaram hontem as ruas d’esta cidade, vindos de Alagoinhas, Antonio Conselheiro, o Santo, e quatro dos seus acólitos, presos ultimamente em Itapicuru.

Tocado da luz divina, pregava elle aos pobres tabareos uns sermões de sua lavra, cujos fins não abonavam muito a sua boa fé para com seus irmãos em Cristo.

Tanto deram na vista suas missões, que a policia convidou-o a vir prega-los aos presos, da casa de detenção. (Diario de Noticias, 06 julho de 1876. Grifos nossos).

As expressões destacadas apontam para alguns traços da conduta atribuída a Antonio Conselheiro e para detalhes da sua prisão registrados pelo jornal. Já no título, o termo “missionário” traz implicações que se desdobram no decorrer da curta notícia. Com um leve tom de ironia o texto descreve a conduta do “missionário” a partir de um vocabulário relacionado a práticas religiosas, que não seriam da competência do peregrino. A expressão: “tocado da luz divina”, remete à notícia publicada anteriormente pelo *Diário da Bahia*. Sugere, por um lado, à impostura do peregrino e, por outro, ao fanatismo da sua prática. Por sua vez, “pobres tabareos” atribui ingenuidade aos adeptos do Conselheiro. Este aparece como “santo” e seus seguidores como “acólitos”. O termo “acólito”, sinônimo de ajudante / assistente, designa também uma das ordens menores, na Igreja Católica, que dá o poder de servir ao subdiácono na missa, acender os círios, preparar e oferecer o vinho e a água. Outro indício da conduta religiosa de Antonio Conselheiro aparece na menção aos “sermões de sua lavra”. Assim, a nota em questão é atravessada por uma estratégia de associação da figura de Antonio Conselheiro a um indivíduo que se apropriava indevidamente das funções sagradas atribuídas aos sacerdotes da Igreja. No conjunto do texto, as palavras: “santo”, “acólito”, “missionário”, além do caráter da conduta, insinuam a falsidade das atitudes do pregador leigo e indicam a quebra do monopólio da palavra sagrada, que pertenceria de direito aos sacerdotes católicos<sup>ix</sup>.

Ouvidas por um número crescente de sertanejos, as palavras de Antonio Conselheiro incomodavam as autoridades e membros poderosos da sociedade e do clero católico. Nos jornais de Salvador, materializam-se então discursos que se encontram dispersos em setores da sociedade baiana. A esse propósito se cristaliza a atribuição de fanatismo à figura de Antonio Conselheiro. Porém, em outro momento, emergirá um discurso baseado na patologização do movimento conselheirista. É nesse sentido que entra em circulação discursos que consistem no enquadramento psiquiátrico da conduta do peregrino. Discursos que associam loucura e crime, mas acabam por enfatizar um ou outro, atribuindo um caráter perigoso ou inofensivo à conduta de Antonio Conselheiro.

Em notícias publicadas no dia 07 de julho de 1876, no *Jornal da Bahia* e *Correio da Bahia*, ainda por ocasião da passagem de Antonio Conselheiro como prisioneiro pela capital baiana, verificamos a atribuição de fanatismo associada à criminalização da conduta do peregrino. Nessa direção, o *Jornal da Bahia*, órgão do partido conservador e, na ocasião,

aliado do governo, sugere que o chefe de polícia deve ser considerado “digno de louvor pela importante prisão que acaba de realizar”.

[...] Esse indivíduo [Antonio Conselheiro] conseguiu insinuar-se no ânimo da população e adquiriu fanáticos adeptos pelas doutrinas supersticiosas que pregava.

S. Exa. Revdma, o sr. vigário capitular, requisitou ao sr. dr. Chefe da Polícia a prisão deste hipócrita, por haver as mais fundadas suspeitas de ser ele um dos célebres foragidos do terrível morticínio que deu-se no Ceará em novembro de 1872 e cuja prisão foi recomendada pelo dr. Chefe de Polícia daquela provincia. (*Jornal da Bahia*, 07 jul. 1876. Grifos nossos).

A notícia persiste na caracterização do peregrino como um indivíduo que atribui a si mesmo uma santidade. Há, por fim, a repetição da expressão “hipócrita”, que já havia aparecido na notícia publicada no *Diario da Bahia*, porta voz da oposição liberal, em 29 de junho de 1876. Destacamos ainda a expressão “fanáticos adeptos”, que se refere aos seguidores de “doutrinas supersticiosas”. Essa expressão remete, assim como ocorre com a descrição psicológica feita do Conselheiro, ao lugar da falta de razão, da loucura, do anormal. Logo, os seguidores de Antonio Conselheiro são, assim como ele, segregados por meio da suspeita de uma conduta que é considerada anormal.

No *Correio da Bahia*, a notícia adverte para o perigo que o Conselheiro representa ao fazer uma referência ao movimento dos *Muckers*<sup>x</sup> ocorrido no Rio Grande do Sul entre 1868 e 1874. Podemos perceber, aqui, a circulação de uma memória acerca de um episódio de mobilização das classes populares em torno de uma liderança religiosa que resultou na intervenção armada por parte das autoridades preocupadas em manter uma determinada ordem.

[...] Quem não se tiver esquecido do célebre Maurer, que como Antonio Conselheiro apareceu dizendo-se Messias, quem lembrar-se de que está quente o sangue das vítimas de que foi causa este perturbador da ordem pública na província do Rio Grande do Sul, certamente não poderá deixar de reconhecer o acerto da providência tomada pelo digno chefe de polícia desta Provincia. (*Correio da Bahia*, 07 jul. 1876. Grifos nossos).

Observamos também um processo de sedimentação da memória discursiva, baseada até aqui nos registros da imprensa da capital baiana. Como temos visto, os jornais publicavam títulos, expressões, falas e dizeres, que contribuíam – através da repetição – para a cristalização de um discurso sobre o líder sertanejo e seus seguidores; e serviam, conseqüentemente, como justificativa para a sua perseguição. Tais repetições estão relacionadas a uma memória discursiva que começa a funcionar como um repositório de

lugares-comuns e estereótipos, atribuídos ao peregrino e seus seguidores e revelam a circulação de um discurso anticonselheirista por parte da imprensa baiana.

Esse discurso anticonselheirista mantém em distância os dizeres, as falas do peregrino cearense e de seus seguidores. As menções a esse possível discurso conselheirista nos chegam através desses meios de comunicação que registram, e fazem questão de assumir, uma postura discriminatória em relação ao Conselheiro. As declarações de Antonio Conselheiro são expostas geralmente para conformar um desarranjo do qual o líder é produto. Como podemos observar na seguinte transcrição de uma nota publicada originalmente na província de Pernambuco.

Lê-se no Jornal do Recife de 29 de julho:

“Sobre este homem, de quem os nossos leitores já tiveram noticia quando por aqui passou dizem as folhas do Ceará que, sendo interrogado pelo dr. chefe de polícia dalli, declarou ser natural de Quixeramobim, para onde desejava ser ardentemente remetido. Disse que sendo casado e não podendo viver em harmonia com a mulher, resolvera seguir uma vida de martyrio, e o seu fim único era aconselhar o povo, tendo já erguido muitas igrejas e construído alguns cemitérios”.

Já fora remetido para Quixeramobim.” (Diario da Bahia, 02 ago 1876. Grifo nosso).

Além de registrar a circulação do nome de Antonio Conselheiro na imprensa de outros estados, a nota, republicada no *Diario da Bahia*, acrescenta outras informações acerca do líder religioso. É nesse sentido que a passagem destacada expõe um aspecto da vida do peregrino. Aspecto revelado pelo próprio indivíduo que, interrogado pela polícia, tenta esclarecer sua conduta. Elemento que revela o funcionamento da maquinaria penal, que exige do réu “uma confissão, um exame de consciência, uma explicação de si, um esclarecimento daquilo que se é” (FOUCAULT, 2008, p. 2). Essas informações, fornecidas pelo próprio Conselheiro, compõem a narrativa que tem por base a trajetória conturbada do líder religioso e que mais adiante explicará, teleologicamente, a sua vida peregrina e sua conduta religiosa.

Ao chegar à sua terra natal, a cidade de Quixeramobim, Antonio Conselheiro foi posto em liberdade após ser reconhecida a improcedência das acusações que pesavam contra ele. No mesmo ano de 1876, ele reaparece nos sertões da Bahia, onde discípulos o aguardavam, e volta às suas atividades de construtor de igrejas, capelas, muros de cemitérios e açudes. A região de Itapicuru – área de atuação de Antonio Conselheiro até meados de 1893 – apresentava, no século XIX:



[...] uma grande diversidade social e econômica. Ao lado das antigas aldeias de franciscanos e jesuítas, conviviam engenhos de açúcar estrategicamente localizados ao longo dos rios e riachos, fazendas de gado de diferentes tamanhos, engenhocas de rapadura, casas de farinha e uma série de rocinhas de subsistência. O trabalho nas diversas propriedades, posses e também os ofícios especializados eram realizados, ao menos até meados do século, por livres, libertos e também escravos. (DANTAS, 2011, p. 317).

Nas últimas décadas do século XIX ocorrera um aumento do controle das áreas mais férteis por parte dos grandes fazendeiros. O que contribuiu para tornar mais árdua a vida da população pobre dessa região (DANTAS, 2011, p. 352-6). É diante dessa dinâmica, marcada pelo agravamento das dificuldades enfrentadas pela população pobre, que vai se desenrolar a atuação de Antonio Conselheiro.

### **O “choque de Masseté” e a fundação do Arraial do Bello Monte**

Instalada a República no Brasil no ano de 1889, o conflito entre as autoridades públicas e Antonio Conselheiro é agravado. O peregrino continuou reparando e construindo igrejas, capelas, muros de cemitérios e açudes e tendo, a cada dia, mais seguidores e consolidando a sua liderança religiosa (VILLA, 1997, p.52). Entretanto, algumas medidas implantadas pelo regime republicano, como a instituição do casamento civil e a criação de novos impostos contribuíram para que o líder religioso se pronunciasse contra a República.

A atitude do peregrino repercute na população menos favorecida. Fossem livres, ex-escravos e mesmo índios, essa população demonstrava disposição a reagir – se necessário com violência – contra situações que lhes eram desfavoráveis ou ameaçadoras. Desde os últimos momentos do Império, um quadro de problemas era enfrentado pela população do sertão baiano: secas; concentração fundiária; dificuldades ligadas à questão de mão de obra (DANTAS, 2011, p. 363). Diante desse quadro, agravado pela cobrança de impostos, em meados de 1893, o peregrino volta a ser notícia nos jornais baianos. O motivo? O embate entre seus seguidores e a força policial baiana em Masseté, localidade de Tucano. A destruição e incêndio das tabuletas contendo leis e orçamentos municipais foram imputados aos seguidores do peregrino e legitimaram, por alegação de distúrbio da ordem, a remessa da força policial.

Do embate com a polícia baiana resultou o deslocamento do líder sertanejo e grande número de adeptos em direção a fazenda Canudos, onde se fixaram no dia de Santo Antonio,

13 de junho, rebatizando o lugar com o nome de *Bello Monte*. Desse momento em diante, o arraial “passou a constituir preocupação dos jornais baianos [e os] correspondentes interioranos frequentemente enviavam suas notícias, muitas vezes transformadas em apelos ao governo para adotar providências” (CALASANS, 1997, p. 17). O teor das correspondências demonstrava o temor em relação ao crescimento do arraial, onde as autoridades republicanas não eram respeitadas.

O apelo dos correspondentes interioranos registra em suas formulações a ativação de uma memória discursiva acerca de Antonio Conselheiro e seus seguidores. Numa série de artigos enviados ao *Diario de Notícias* pelo correspondente localizado em Monte Santo verifica-se o empenho em difundir um discurso anticonselheirista, rotulando o peregrino como “fanático”, “subversivo”, “monarquista”, “pernicioso” e “cruel”, e exigindo urgência do governo no emprego da força. É o caso do artigo intitulado “Graves acontecimentos” publicado em 31 de maio de 1893, do qual, a seguir, transcrevemos parte substancial:

O célebre fanático, conhecido, entre as turbas que o acompanham, por *Conselheiro*, tem levantado uma cruzada contra o pagamento de impostos, inculcando no ânimo dos seus ouvintes as mais subversivas teorias.

Rodeado de grande massa popular, vai aquele individuo se constituindo o terror das autoridades, que não dispõem de meios para o cumprimento da lei.

Dizem-nos que há poucos dias deu-se nas imediações do Bom Conselho um encontro entre cerca de 50 soldados de policia e mil e tantos adeptos do *Conselheiro*, sendo os soldados completamente derrotados.

Para que se avalie a gravidade desse acontecimento, basta-nos observar que seguem brevemente para o lugar do conflito 100 praças de linha.

[...] Se as informações que temos são efetivamente exatas, urge que o governo empregue toda a energia, a fim de evitarem-se cenas de maior gravidade.

O *Conselheiro* é um indivíduo perigoso, é um elemento de desordem, desde o tempo do império; dispõe de grande prestígio entre as populações, às quais ilude com práticas religiosas. [...] (Diario de Notícias, 31 maio 1893. Grifos nossos).

As expressões destacadas são incisivas na caracterização de Antonio Conselheiro como perigo para a ordem estabelecida. O texto retoma a atribuição de fanatismo e reconhece a celebridade do Conselheiro, visível na “grande massa popular” que o acompanha. A notícia acrescenta elementos que propagam o medo. Nesse sentido, as expressões “terror das autoridades”, “indivíduo perigoso”, “elemento de desordem” contribuem para assinalar o peregrino como um criminoso. O correspondente indica que “desde o tempo do império” a

conduta do Conselheiro já era considerada perniciosa pelas autoridades e acusa o peregrino de liderar uma “cruzada contra o pagamento de impostos”.

Diferentemente do *Diario de Noticias*, o *Jornal de Noticias* publica uma série de correspondências que consideram Antonio Conselheiro um indivíduo inofensivo. Uma das cartas – assinada *Obscuris Civis* e publicada em 10 de junho com o título: “O célebre fanático ‘Antonio Conselheiro’” – informa sobre o “avultado número de pessoas” que seguem o “missionário *sui generis*”. Contra os relatos divulgados no *Diario de Noticias*, o missivista defende que o Conselheiro é um homem altruísta, abnegado e extremamente humanitário. Entretanto, corrobora as manifestações anteriores ao considerar o Conselheiro um “fanático”.

S. Luzia, 3 de junho de 1893.

Estas linhas eu escrevo em parte como retificação e em parte como aditamento a um artigo ultimamente publicado pela ilustrada redação do *Diario de Noticias* acerca dos tristes acontecimentos que se estão desdobrando em diversas localidades do norte deste estado. A fim de se evitarem bárbaros morticínios em toda a zona aludida, é imprescindível que sobre esses fatos se projete em toda sua intensidade a luz da verdade. [...] Cerca de três mil pessoas, entre homens, mulheres e crianças, formam atualmente o séquito, que cada dia se engrossa, do missionário *sui generis*. [...] Não impele aos romeiros nenhum pensamento político, como impatrioticamente informaram; domina-os, sim, o fanatismo religioso, o pior de todos os fanatismos. Chegamos a atribuir ao *Conselheiro* o dom do milagre. [...] Pelo que me têm informado a respeito do *Conselheiro*, estou compenetrado de que ele não é um perverso, um homem de maus instintos; é, pelo contrário, um homem em extremo humanitário – todo abnegação, todo altruísmo. Tem sido ultimamente causa indireta de grandes males, é verdade; mas suas intenções são boas. Traz iludida grande parte do povo, porém, ele próprio é o primeiro *dupe*; tanto assim que se entrega a jejuns contínuos e rigorosos, a macerações e só corresponde às saudações de qualquer pessoa, se elas forem expressas pelo clássico – Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo. O Conselheiro é, nada mais nada menos, do que um doente de monomania religiosa. [...] – *Obscuris Civis* (*Jornal de Noticias* 10 de junho de 1893. Grifos nossos)

Das expressões destacadas, as que se referem diretamente à figura do Conselheiro revelam uma abordagem parcialmente diferente das manifestações anteriores. Entretanto, o cidadão de Santa Luzia emprega, da mesma forma que nas outras manifestações vistas até aqui, o termo “fanatismo” para caracterizar a ação do peregrino. Ressalva ainda que o fanatismo do Conselheiro é o pior de todos, pois se trata de “fanatismo religioso”. Porém, assevera que o líder religioso “não é um perverso”, mas sim um “homem em extremo humanitário”. Sugere também que Antonio Conselheiro não passa de um *dupe* – termo que

pode ser traduzido do francês, por joguete –, pois, além de iludir “grande parte do povo”, se engana ao entregar-se a penitências contínuas.

O mais curioso na manifestação desse correspondente sertanejo é o emprego de um vocabulário psiquiátrico na descrição de Antonio Conselheiro, que é diagnosticado como “doente de monomania religiosa”. Traço do discurso de patologização que encontraria seu clímax na interpretação do médico psiquiatra Raimundo Nina Rodrigues<sup>xi</sup>. Definida como uma espécie de alienação mental, em que uma ideia fixa parece absorver e determinar o pensamento e a ação do indivíduo, a monomania se insere aqui nesse discurso de patologização da conduta de Antonio Conselheiro.

Em carta publicada na edição de 14 de junho de 1893 do *Jornal de Noticias*, temos outra manifestação que se refere à “mania religiosa” da qual Antonio Conselheiro seria devoto. Trata-se de uma carta enviada por Durval V. Aguiar, coronel da policia baiana, que no início dos anos 1880 já havia dado notícia de Antonio Conselheiro para o jornal *Diario da Bahia*<sup>xii</sup>

Amigo sr. redator. – Já tendo uma vez me referido, na página 76, de uma obscura obra que corre a imprensa, sob o título de *Descrições Práticas da Bahia*, ao indivíduo conhecido por Antonio Conselheiro, do qual se tem ocupado ultimamente a imprensa, e, já pela segunda vez, o governo da Bahia, que aqui já o mandou buscar, há cerca de 10 anos, sou obrigado a vir à imprensa declarar que esse indivíduo, longe de ser um facinora perigoso, é apenas um inofensivo ente devotado a uma mania religiosa – há cerca de 16 anos em que vegeta pelos sertões do Norte, rezando nas igrejas e fazendo prédicas, que são assistidas pelas populações inteiras das localidades em que se acha, onde sempre procura prestar algum serviço na edificação e reedificação de templos e cemitérios.

[...]

É verdade que o Conselheiro, nas suas peregrinações, anda acompanhado por enorme séquito; mas essa gente, também inofensiva, só se assanha na defesa do Conselheiro, o qual mantém as mesmas honras, as mesmas práticas e o mesmo acompanhamento de que se rodeiam os missionários, pois, como estes, aconselha o casamento, os batizados, as orações e os bons costumes, se bem que em linguagem menos correta.

[...]

O crime de hoje é o mesmo de outrora; por cuja razão parece mais humano, mais prudente e mais patriótico, que em lugar de massacrar esses grupos de fanáticos, à pólvora de bala, se lhe envie um virtuoso e inteligente missionário para os conter, e boas doutrinas para os chamar ao trabalho.

Fora disto é ensanguentar-se inutilmente o sertão e prevenir-se o tão descuidoso espírito de nosso sertanejo para uma rancorosa resistência, com a qual a política, de certo, viria em breve especular.

Sou, com maior estima e consideração, vosso patrício e amigo – Durval V. Aguiar. (*Jornal de Noticias* 14 junho de 1893. Grifos nossos).

Da correspondência, destacamos as expressões “célebre fanático” e “grupos de fanáticos”, termos comuns entre os que consideravam necessária a ação violenta (caso das manifestações publicadas no *Diario de Noticias*) e os que defendiam medidas pacíficas a fim de dispersar a multidão de seguidores do Conselheiro. O correspondente argumenta então que, “longe de ser um facínora perigoso”, o peregrino é somente um inócuo “ente devotado a uma mania religiosa”. E se posiciona contra a solução armada como desfecho da situação. Sugere então o envio de “um virtuoso e inteligente missionário para conter [...] esses grupos de fanáticos”.

O envio de uma missão religiosa é também sugerido em outra carta publicada no *Jornal de Noticias*, em 16 de junho de 1893. O missivista apela para que sejam adotados “meios brandos” para restituir o povo que acompanha o Conselheiro ao “seio de suas famílias”. E argumenta em defesa do caráter inofensivo do peregrino cearense, com o qual teria entabulado conversa quando de passagem pela localidade de Bom Jesus.

Sr. redator do Jornal de Noticias

Tenho acompanhado a questão que atualmente se tem agitado na imprensa relativamente a Antonio Conselheiro e julguei dar a minha opinião.

Conheço-o pessoalmente.

[...]

Em suas praticas, só aconselha o bem do povo; e se este o acompanha é porque quer, disto fui circunstanciadamente informado.

Em sua peregrinação, só tem feito benefícios, levantado templos e cemitérios, dos quais conheço um lindo e elegante templo no Bom Jesus, outro no Mocambo, outro na Rainha dos Anjos, e um cemitério na vila da Ribeira do Pau Grande.

Como, pois, é ofensivo este cidadão?

A quem já fez ele mal?

Reputo o cônego Agripino Borges capaz de retirar o povo, que o acompanha, ao seio de suas famílias.

O Conselheiro aconselha ao povo para não abandonar seus lares por causa dele; o povo recalitra esta ordem e por força do fanatismo o acompanha.

É um homem honrado, tanto assim que se ele quisesse ser rico de um dia para o outro o seria; mas só aceita alimentação e nada mais.

O governo bem pode retirar este povo, em benefício de tantas famílias abandonadas, por meios brandos, e, como já disse, reputo muito capaz o cônego Agripino Borges.

Seu constante leitor – *Maximiniano José Ribeiro* (Jornal de Noticias, 16 junho de 1893).

No exemplo, notamos a circulação de uma nuance a respeito do peregrino. Ele é apresentado como um homem inofensivo e, até mesmo, honrado. Entretanto, são seus seguidores, a quem o correspondente atribui fanatismo, que “abandonam seus lares” e

acompanham o missionário. Nesse caso, verifica-se uma espécie de polarização dos discursos acerca de Antonio Conselheiro: ora apresentado como um subversivo, um perigo à sociedade; ora apresentado como um homem honrado e inofensivo. Mas, em todos esses discursos, existe algo que permanece: a imagem de um homem com uma conduta incomum, capaz de agregar pessoas, de reunir ao seu redor uma multidão. Há, portanto, a configuração e reconfiguração de diferentes discursos que circulam na sociedade nesses tempos que vão dos últimos momentos do Império aos primeiros anos da República no Brasil e que mantém, em diferentes níveis, uma relação com uma memória discursiva, segundo a qual todo aquele que – não sendo autorizado pelas instituições mantenedoras da ordem – consegue agregar em torno de si um grande número de seguidores deve ser perseguido e combatido pelo Estado.

## Referências

- AMOSSY, Ruth y PIERROT, Anne Herschberg. *Estereotipos y Clichés*. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 2001.
- CALASANS, José. *Cartografia de Canudos*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, EGBA, 1997.
- CARVALHO, Aloysio de. “A Imprensa na Bahia em 100 anos.” (1923) in: TAVARES, L. G. P. (org.) *Apontamentos para a história da imprensa na Bahia*. 2005.
- CORREIO DA BAHIA. 07 JUL. 1876.
- COURTINE, Jean-Jacques. O tecido da memória: algumas perspectivas de trabalho histórico nas ciências da linguagem. Trad. Roberto Leiser Baronas & Nilton Milanez. *Polifonia*. Cuiabá EdUFMT v. 12 n.2. p. 1-13. 2006.
- DANTAS, Monica Duarte. O “Sertão do Conselheiro”: Dinâmica social e transformações econômicas na comarca de Itapicuru (Século XIX) in: NEVES, E. F. (Org.) *Os Sertões da Bahia*. Salvador: Ed. Arcádia. 2011.
- DIARIO DA BAHIA. 02 AGO 1876; 29 JUN. 1876.
- DIARIO DE NOTICIAS. 06 JULHO DE 1876; 31 MAIO 1893.
- FOUCAULT, Michel. “A evolução da noção de ‘indivíduo perigoso’ na Psiquiatria Legal do século XIX”. In: MOTTA, M. B. (org.). *Ditos e escritos V: ética, sexualidade, política*. Trad. de Elisa Monteiro e Inês A. D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense, pp.1-25. 2008.
- JORNAL DA BAHIA. 07 JUL. 1876.
- JORNAL DE NOTICIAS. 10, 14 e 16 DE JUNHO DE 1893.
- MOLIÈRE. *O Tartufo; Escola de mulheres; O Burguês fidalgo*. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1983.
- RODRIGUES, R. Nina. *As Coletividades Anormais*. Brasília, Senado Federal, 2006.

VILLA, Marco Antonio. *Canudos – o povo da terra*. 2 ed. São Paulo: Ática. 1997.

WANDERLEI, Leandro Aquino. *A romanização católica no sertão de canudos*. Vitória da Conquista. 2008 (mimeo)

## NOTAS

<sup>i</sup> Este texto apresenta parte da dissertação de mestrado intitulada “Memória e Discurso nas narrativas sobre a “guerra” de Canudos”, defendida no âmbito do Programa de Pós-graduação Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. A pesquisa contou com bolsa da Fundação de Apoio a Pesquisa da Bahia (Fapesb) e foi orientada pela prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Edvania Gomes da Silva.

<sup>ii</sup> Provavelmente a primeira notícia impressa sobre Antonio Conselheiro apareceu em 22 de novembro de 1874 no semanário sergipano *O Rabudo*.

<sup>iii</sup> As reflexões de Courtine (2006) acerca da relação entre memória e discurso são sugestivas. O autor expõe essa articulação assinalando que “a linguagem é o tecido da memória” (COURTINE, 2006, p.9). Se levarmos em conta que a abordagem feita pelos jornais baianos acerca de Antonio Conselheiro e Canudos registrou e fez circular uma linguagem na qual o termo “fanatismo” predomina, podemos identificar aí indícios da constituição de uma memória discursiva.

<sup>iv</sup> Para uma definição de estereótipo recorremos a Ruth Amossy e Anne Pierrot (2001). Conforme as autoras, os estereótipos – considerados como um procedimento mental – esquematizam e categorizam, “são indispensáveis para a cognição, ainda quando conduzem a uma simplificação e generalização às vezes excessivas” (2001, p. 33. Tradução nossa). O conceito de estereótipo permite analisar as relações do sujeito com o outro e consigo mesmo, ou relações entre grupos e seus diferentes sujeitos. O estereótipo também é apresentado como uma representação simplificada, associada a uma palavra. É dessa forma que entendemos o termo fanatismo como resultado de uma estereotipização de Conselheiro e de seus seguidores. Processo tão forte que perduraria por anos nas interpretações sobre o acontecimento Canudos, inclusive na historiografia. Tal processo indicava também uma zona de incompreensão em relação aos sertanejos. Em 28 de setembro de 1897, poucos dias antes do assalto final ao arraial sertanejo, Euclides da Cunha sintetizou essa relação com a seguinte expressão, registrada em uma de suas reportagens enviadas ao jornal O Estado de S. Paulo: “Incompreensível e bárbaro inimigo” (CUNHA, 2003, p. 104).

<sup>v</sup> Utilizamos o termo clichê para compreender a repetição massiva de impressões a respeito do Conselheiro, pois, segundo Amossy e Pierrot (2001), além de revelar um procedimento tipográfico, o termo sugere também a repetição. É notável a repetição de termos como “fanático” e “fanatismo” quando os jornais analisados fazem referência a Antonio Conselheiro. Essa operação de repetição contribuiu sobremaneira para cristalização de discursos acerca de Antonio Conselheiro, de seus seguidores e do arraial de Canudos.

<sup>vi</sup> Foucault (2010a, p. 64, 69 e 78) observar que os monstros morais são construídos a partir das várias instâncias disciplinares que visam normalizar a população. Todos aqueles que escapam ao “normal” é visto como monstro potencial.

<sup>vii</sup> <sup>8</sup> Escrita em 1664, por Molière, a comédia *O Tartufo* despertou a hostilidade de autoridades religiosas e até mesmo a oposição do rei. O personagem que dá nome à peça era um falso devoto que havia conquistado a confiança de um rico burguês, tornando-se uma espécie de diretor espiritual desse último. O nome Tartufo já parecia significar, antes da peça, mentiroso e charlatão. Também se associa esse nome a palavra *truffer* (enganar). Entretanto, é a fama alcançada pela comédia de Molière que impulsiona a circulação do termo, empregado como sinônimo de impostor, hipócrita, enganador ou, mais especificamente, falso devoto (MOLIÈRE, 1983).

<sup>viii</sup> Fundado em 1875, o Diário de Notícias é considerado “criador da imprensa barata, da imprensa popular no Brasil” (CARVALHO, 1923, p.51). Outra característica desse órgão, conforme Aloysio de Carvalho seria o alheamento em relação às disputas entre liberais e conservadores em torno da política imperial na Bahia.

---

<sup>ix</sup> Por volta da década de 1870 a Igreja Católica no Brasil, orientada pela Santa Sé, irá combater um “quadro religioso do catolicismo popular – marcadamente heterodoxo, leigo, e privado”. Tal movimento inscreve-se no que ficou conhecido por romanização católica, e “tem por objetivo moldar o catolicismo brasileiro conforme o modelo romano” expresso pelo Concílio Vaticano I – 1869-70 – presidido pelo Papa Pio IX”. (WANDERLEI, 2008, p.5)

<sup>x</sup> Movimento de inspiração anabatista e liderado pelo jovem casal Jacobina Mentz e João Jorge Maurer na antiga colônia alemã de São Leopoldo. Em 1874, depois que incêndios e outros crimes foram atribuídos a eles, a polícia solicitou o apoio do exército e, juntos, perseguiram os colonos envolvidos, que na época eram cerca 150 pessoas. O conflito com aqueles que apoiavam o movimento iniciou em 25 de junho de 1874 e foi chamado de Revolta dos Muckers, o ataque final do exército matou todos aqueles que não haviam conseguido fugir, inclusive a própria Jacobina. Cf. REVISTA DE HISTÓRIA DA BIBLIOTECA NACIONAL (<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/almanaque/almanaque-junho-2011>).

<sup>xi</sup> “A loucura epidêmica de Canudos”, publicado na Revista Brasileira, III Ano, tomo XII, pág. 69, de 01 de novembro de 1897 e nos Annales médico-psychologiques de Paris, 1898, maio-junho; “A loucura das multidões: nova contribuição ao estudo das loucuras epidêmicas no Brasil”, publicado nos Annales médico-psychologiques, janeiro-agosto de 1901(RODRIGUES. 2006, p. 13-4).

<sup>xii</sup> Autor das Descrições práticas da Província da Bahia.

---

### Sobre o Autor

Joaquim Antonio de Novais Filho - Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade (2012); graduado em História - Licenciatura Plena - (2004); e especialista em Teoria e História Literária (2010) pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. (UESB).

E-mail: [novaisfilho@yahoo.com.br](mailto:novaisfilho@yahoo.com.br)